



SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO
21 - 23 | Setembro | 2022

A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS DE UM ALUNO DA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO

Lívia Godinho Simião⁵
<https://orcid.org/0000-0001-6632-6597>

Patricia Rosana Linardi⁶
<https://orcid.org/0000-0001-6249-418X>

Resumo: Este artigo trata do recorte de uma pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida no PECMA (Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da UNIFESP) que tem por objetivo buscar traços da produção de significado de alunos em relação as questões de gênero e na leitura dos documentos oficiais de um curso de licenciatura em matemática de uma instituição pública do estado de São Paulo. Aqui apresentamos o roteiro que elaboramos para conversar com esses alunos da licenciatura, onde disparamos nossos diálogos através de situações (casos de ensino). Apresentamos também a leitura plausível de uma de nossas conversas, na qual optamos por apresentá-la no formato de narrativa.

Palavras-chave: Leitura Plausível; Questões de Gênero; Licenciatura em Matemática.

Panorama Geral

Neste artigo apresentamos um recorte de uma dissertação de mestrado que busca discutir questões de gênero e a formação inicial de professores de matemática. Para isso

⁵ UNIFESP, godinho.livia@gmail.com

⁶ UNIFESP, linard@unifesp.br



SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO

21 - 23 | Setembro | 2022

selecionamos um curso de licenciatura em matemática⁷ no qual, escolhemos olhar para os documentos oficiais (grade curricular, ementas e PPP) e conversar com alguns alunos⁸ deste curso. Para então realizarmos a leitura plausível de cada um desses dados, entendendo que:

Toda tentativa de se entender um autor deve passar pelo esforço de olhar o mundo com os olhos do autor, de usar os termos que ele usa de uma forma que torne o todo de seu texto plausível, e é aqui que devemos prestar atenção às definições que um autor propõe. (LINS, 1999, p. 93)

Pensando sobre conversas com os alunos, o conceito de leitura plausível transparece nossa intencionalidade que se configura em olhar para as suas produções de significado estabelecendo ligação com o contexto cultural que estão inseridos, ou seja, empenhando esforços para me aproximar dessas falas com o objetivo de estabelecer coerências. Buscamos ao máximo não estabelecer julgamentos sobre suas falas, mas sim relacionar a percepção de mundo dos futuros professores de matemática com a licenciatura que estão cursando.

Aqui apresentamos somente a conversa com o Pietro, onde utilizamos casos de ensino que intitulamos de situações para disparar os gatilhos de nossa conversa que girava em torno de questões de gênero. Para este artigo, entendemos gênero como:

[...] todas as formas de construção social, cultural e lingüística implicadas com processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (MEYER; RIBEIRO, 2004, p. 6, apud SOUZA; FONSECA, 2009, p. 38).

Olhando para o trecho anterior, utilizamos questões de gênero como as possíveis problemáticas sociais que se desenvolvem a partir desses processos que diferenciam homens de mulheres, problemáticas essas que reverberam através de agressões e micro agressões.

A seguir apresentamos a leitura plausível que realizamos da conversa com Pietro, na qual optamos por apresentar em forma de narrativa.

⁷ Para definirmos a instituição escolhemos alguns parâmetros: ser do estado de São Paulo, não possuímos vínculo com ela e ser pública.

⁸ Nós não selecionamos os alunos por semestre ou qualquer outra característica, pois tivemos pouca adesão a todas as nossas tentativas de aproximação, por isso tomamos a decisão de conversarmos com aqueles que aceitassem participar conosco. Ao total conseguimos dois alunos e uma aluna.



Conversa com o Pietro

Por *Whatsapp*, antes da entrevista, conversei com o Pietro. Queria me aproximar dele, criar um ambiente de troca e um espaço aberto para o diálogo. Falamos sobre os caminhos que ele percorreu para chegar até a licenciatura, trabalho, sobre o que gostamos de fazer e sobre traços da nossa personalidade. Pietro dá aula uma vez na semana, e os outros dias trabalha em uma empresa de tecnologia. Escolheu a docência devido às suas experiências na educação básica, ele me contou que gostaria muito de ser como seus professores e por isso optou por um curso de licenciatura. Pietro gosta de jogar basquete, tem 20 anos e está no penúltimo semestre da faculdade.

Passei um tempo pensando em como fazer o Pietro ficar confortável durante nossa conversa, então decidi que para isso eu deveria estar confortável também e que demonstrar isso poderia ser um caminho para que ele se sentisse mais à vontade. Por isso escolhi sentar no lugar da casa que mais gosto, afinal nele estão elementos nos quais eu me identifico. Devido a pandemia do COVID - 19 nossa conversa foi feita remotamente através do Google Meet, Pietro ficou o tempo todo de câmera e microfone aberto, ao fundo dele tinha um desenho que não reconheci como uma obra conhecida do meu repertório cultural, mas as cores predominantes eram vermelho e cinza; a posição que estava sua câmera fez com que eu o visse de baixo para cima, ele estava com os cotovelos sobre uma mesa e articulava os braços com frequência; Pietro me retrata presença marcante, cabeça raspada, barba cheia e voz grave.

Antes de iniciar a gravação conversamos rapidamente sobre o horário e o fim do ano. Ao começar efetivamente a entrevista, ou como preferi chamar, conversa, evidenciei

— Hoje é dia 01 de dezembro de 2021 e essa é a entrevista piloto para o projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido na UNIFESP Diadema com orientação da Professora Doutora Patrícia Linardi.

Em seguida expliquei para o Pietro que minha proposta para conversa foi dividida em algumas etapas: a primeira seria algumas situações que criei, a segunda uma situação real, e a terceira sobre o curso de licenciatura em matemática que ele estava cursando. Também fiz questão de dizer que ele não precisaria responder aquilo que não se sentisse confortável e neste momento Pietro movimentava a cabeça de maneira afirmativa.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

Antes de iniciar a leitura das situações, disse ao Pietro que gostaria de saber o que ele pensava sobre cada uma delas e se tomaria alguma atitude diferente diante daquilo que eu iria narrar. Com o aval dele, iniciei:

— Situação 1: Durante a aula de matemática uma aluna se irrita com os colegas que estão falando alto e tirando sua concentração, então a aluna se impõe e pede para que os colegas façam silêncio, imediatamente um dos meninos responde: “Não podemos nem mais conversar, certeza que deve estar de tpm”. Todos riram e a aula seguiu normalmente.

Pietro me disse que não cabe a discussão de questionar se situações como essas ocorrem ou não, pois estava partindo do pressuposto de que são reais e que para ele ocorrem no dia - a - dia.

— Você está atribuindo que o motivo daquela insatisfação tivesse sido justamente causado por uma questão hormonal.

Falou com expressão séria que não é “um desconforto biológico”. E então se imaginou enquanto sujeito daquela situação

— Como professor em sala de aula isso tem que ser discutido, tem que ser tratado, tem que ser entendido o porquê isso é errado, quais são as consequências de uma fala dessas, como isso repercute numa postura de ... enquanto ser Humano mesmo, porque se você não consegue respeitar o seu ou a sua colega por conta de um pedido simples de querer prestar atenção na aula e você atribui a aquele pedido uma outra motivação, você não consegue entender acho que o motivo da escola mesmo.

Neste momento, em uma fração de segundos, me peguei tentando ler o que para o Pietro significa a escola. Mas minha reflexão foi interrompida, pois ele me diz:

— É um grande desrespeito a colega porque você está totalmente invalidando a fala dela e as questões dela.

O Pietro me fez essa fala de forma natural, na minha leitura de sua expressão facial ele parecia usar o termo “invalidando” com a mesma naturalidade que me disse “boa noite”. Estou recortando essa palavra especificamente, pois a invalidação, o silenciamento e a opressão são o que interpreto como algumas das consequências causadas pelas questões de gênero. Mas em nossa conversa eu disse a ele que compreendi sua fala e busquei usar minha expressão para demonstrar acolhimento.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

Partimos então para a segunda situação, que diz: “Durante a aula de matemática a sala está discutindo sobre a importância de refletir sobre o resultado das questões. Então você (professor) levanta a seguinte reflexão:

Se estivermos trabalhando com um problema onde o valor de x representa o número de mulheres e y o valor de homens, faz sentido chegarmos ao resultado $x = 2,5$?

Então um aluno responde em seguida:

- Faz sentido se o x for a Pablo Vittar (risada).

A turma inteira dá risada e a aula segue normalmente. ”

Quando eu acabei de ler essa situação o Pietro ficou em silêncio, com a mão esquerda no rosto, olhando para o lado e balançando a cabeça com sinal de negativo. Depois de alguns segundos ele me falou com tom de chateação, que mesmo não sendo com intencionalidade, esse tipo de humor viola o outro.

— Essa é uma situação ainda mais profunda e problemática que a outra. Ela tem raízes mais profundas no sentido de... quando você lida com...

E então Pietro faz uma pausa na sua fala e me diz que isso é difícil de dizer, que é desconfortável falar sobre isso, percebo que ele se esforça para escolher bem as palavras, mas opta pelo silêncio momentâneo. Pietro passa alguns segundos sem dizer nada e justifica:

— É desconfortável porque isso não pode passar despercebido, você não pode continuar dando aula depois de ouvir uma coisa dessa. Tem muita gente que diz “finge que você não viu, não entra em conflito”, mas eu acho que assim, se você não entrar em conflito, você está contribuindo para que isso aconteça de novo e de novo. Se a risada vem pra reforçar o comentário de forma positiva e você ouve e não faz nada, isso vai acontecer mais.

Aproveitei que Pietro voltou ao silêncio com olhar distante e comentei sobre o que em sua fala havia me chamado atenção:

— É o que você falou, às vezes a gente evita conflito, mas a gente esquece que a omissão também produz um significado. A nossa omissão perante as situações de sala de aula também produz um significado no sentido da formação dos alunos.

Pietro me retornou:

— Você evita ali momentaneamente, mas isso reverbera em muita coisa. Em ambientes controláveis é mais fácil da gente ter uma intervenção, em outros ambientes isso torna proporções muito maiores.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

Quando Pietro fala sobre omissão, me questiono exatamente sobre nosso papel enquanto docente, me questiono também se as instituições que oferecem cursos de licenciatura refletem sobre o papel desta profissão. E me intriga pensar em qual professor a escola quer atualmente. A omissão do professor da situação que coloquei pode vir de realmente não querer ter trabalho com aquele enfrentamento, afinal o tema não faz parte do conteúdo matemático, mas também pode ser por ausência de sensibilização. Será que todos os professores que estão hoje em sala de aula iriam perceber a gravidade de falas como a apresentada na situação em que coloquei o Pietro?

Ele me falou sobre a escola ser um ambiente controlado, e admito que não tinha usado esse termo até então em nenhuma das discussões que tive sobre o tema. Costumo argumentar no lugar de que as questões presentes na sociedade também estão na escola, mas quando Pietro coloca sua fala percebo que no ambiente escolar temos regras e hierarquias específicas, espaços para discussões coletivas e um ambiente no qual se é, em alguma instância, permitido errar; essas características podem fazer com que nós passemos a enxergar a escola como um ambiente propício a realizar discussões sobre gênero, haja vista que podemos enxergá-la, também, como um espaço de desconstrução.

Pietro me diz que não imagina como é vivenciar situações como essas em sala de aula, pois sua ação iria depender de diversos aspectos e situou a faixa etária dos alunos como um deles. Então para não o constranger, forço nossa conversa para a terceira situação: “Durante a aula de matemática um professor faz uma pergunta para a classe, uma aluna levanta a mão para responder, então tal professor autoriza e a estudante inicia a resposta, imediatamente um aluno levanta sua voz e responde a questão, a aluna fica em silêncio e não conclui seu raciocínio. A aula segue normalmente.

— Isso independe da questão de gênero, isso é sobre respeitar o outro, claro que esbarra na questão de gênero quando a gente fala isso.

Pietro confirma comigo qual o gênero das personagens da situação que apresentei, após esclarecimento, ele segue:

— Eu acho que tem aquela questão de que o menino se vê como superior, no direito de interromper isso, porque ele se vê como a opinião mais válida do que a menina.

Ele conclui essa fala me explicando que seria necessário analisar a situação: se o menino iria interromper qualquer pessoa, ou se estava achando que a opinião da menina não



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

era válida, mas que de qualquer forma as duas vertentes são problemáticas, porém de maneiras diferentes. Me lembro que quando produzi esse roteiro fiz questão de colocar uma situação que discutisse sobre o silenciamento das mulheres, pois um aluno falar por cima do outro é extremamente comum na rotina de sala de aula, mas será que nós professores “deixamos passar” por que é comum ou porque é confortável? Será que enxergaríamos quando existem questões de gênero? Então parafraseio Pietro: precisamos entender a motivação.

Diante deste nosso momento de diálogo, ao ouvir novamente a entrevista pensei: mesmo que não haja intencionalidade por parte de quem silencia, será que o nosso não diálogo diante de situações como essa corrobora para a ausência de imposição por parte das meninas? Ao não problematizarmos isso, estamos normalizando mulheres serem interrompidas e não reagirem? Esses questionamentos pairam a minha mente na mesma medida que reflito que o silêncio e a ausência de intencionalidade também produzem um significado.

Continuando minha conversa com o Pietro, coloquei a ele a quarta situação: “Um professor entrega a devolutiva das provas, um aluno ao receber sua nota se sente frustrado por seu rendimento e começa a chorar, os colegas ficam zutando o aluno e dentre as falas surge um: “vira homem, é só uma nota! ”. Tal professor segue a entrega de notas e deixa que os próprios alunos se resolvam.”

Quando li a situação, acredito que não consegui disfarçar minha vontade em saber a resposta, pois quando eu criei essa situação fiquei curiosa para o que um homem diria sobre ela. Então Pietro, sem esboçar qualquer incômodo na sua expressão facial, me disse:

— Isso é muito complicado porque esbarra nas questões de estereótipos, né? Então a gente esbarra naquela de que o homem tem que ser firme, você não pode ter sentimento, não pode ser sensível de nenhuma maneira e você não pode reagir de uma forma que não é esperada.

Seguinte a essa fala, Pietro volta novamente para a questão da idade e me diz que muitas vezes essa concepção vem de casa, que não necessariamente é do próprio aluno. Nesse momento me surge o questionamento: se a família reforça um discurso problemático envolta da masculinidade, qual seria o papel da escola nessa discussão? Mas a pergunta que fiz ao



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

Pietro foi outra, o questioneei sobre qual seria sua ação se ele fosse o professor daquela sala de aula

— Acho que é questão de dialogar sobre aquilo “em que momento que chorar, se chatear, ficar triste por uma nota te faz menos homem? Qual o poder que uma ação tem de discriminar quem é mais homem do que o outro?”

Pietro olhou para o lado por alguns segundos em silêncio e continuou:

— Esse conceito [masculinidade] precisa ser elaborado, porque existe uma concepção que está sendo levada à risca e se você enquanto professor não traz isso pra uma conversa, uma reflexão mesmo... porque não vai ser sua fala que vai fazer o aluno deixar de sentir ou não, às vezes já está nele e precisa ser ressignificado, mas não é uma coisa que pode ser ignorada.

Essa fala do Pietro me lembrou a algumas discussões que já tive na sala dos professores enquanto docente da educação básica: as vezes em que coloquei para discussão questões de masculinidades e feminilidades, ouvi que dialogar sobre isso com os alunos em aula não mudaria em nada, mas Pietro que ainda está em formação inicial nos traz, em suas palavras, a percepção de que mesmo na ausência de mudança no comportamento do aluno, não podemos ignorar questões como essas.

Pietro sai um pouco da situação que coloquei a ele e começa a refletir em voz alta do porquê professores não tomariam uma ação sobre o ocorrido:

— Muitas vezes essas coisas são ignoradas porque acho que foi posto essa questão, que como a gente estava falando, de não conflitar. Acho que entra também aquela questão da segurança econômica, o professor não tem a disposição de se impor e de problematizar aquilo porque tem medo de perder o emprego, medo de gerar algum problema com a família.

Ouvindo a fala do Pietro refleti sobre as tantas variáveis que influenciam na prática do professor. Como podemos construir uma escola plural, democrática e desconstrutora, se o professor não se sente seguro em abrir espaços para discussão de temas socialmente emergentes? A colocação feita por Pietro tira o peso dessa responsabilidade somente do docente e nos faz pensar maior, nos faz pensar que precisamos agir coletivamente para que o professor que está na sala de aula, ao se deparar com uma situação como a apresentada, tenha espaço para se posicionar e discutir com os alunos a problemática envolta de uma fala, que pode ser vista como do cotidiano.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

Apesar de estarmos conversando através da tela de nossos computadores, me foi possível perceber as expressões do Pietro, que mesmo muito sério, ficou visivelmente aborrecido com a situação quatro. Esse foi o momento em que ele mais falou e oscilou também com intervalos silenciosos de reflexão. Percebi que de alguma forma falar sobre masculinidade era um lugar sensível para o Pietro, talvez por alguma vivência em especial ou talvez por ser homem no mundo. De qualquer forma, busquei ser acolhedora enquanto minha expressão facial, na mesma medida em que ele argumentava de forma rápida e firme.

— Eu acho que se um professor homem fala com um aluno, tem outro peso do que se uma professora mulher falar, mesmo eu achando que não deveria ter. Nessa fase eles são muito influenciáveis pelo gênero que fala. Então se um professor fala acho que o aluno pensa “se ele é assim eu também posso ser”.

Nessa hora senti a necessidade de acrescentar um termo à nossa conversa.

— É a questão da representatividade, não é? No caso se um homem está legitimando o meu choro, e de alguma forma eu o admiro, então ele está me representando. É isso?

Pietro afirma prontamente que é isso que está querendo dizer. Então complemento:

— Dentro dessa mesma situação de gênero, acha que o mesmo aconteceria se fosse uma menina e uma professora mulher?

— Com certeza. Essa questão da representatividade é muito forte, se for uma professora mulher falando com uma menina tem outro peso do que um professor homem. Eu não sei elaborar isso direito, mas teria outro peso.

Pietro me faz essa fala passando a mão no rosto, e para não gerar silêncio constrangedor, dou continuidade a entrevista. Fomos para a situação 5: “Bateu o sinal do intervalo, enquanto todos estão saindo das salas (discentes e docentes), dois alunos se estranham e começam a se empurrar e a ameaçar um ao outro. Então professores que presenciaram a cena se olham e um deles diz:

— Deixa eles, é coisa de garoto.

Tais professores seguem para seu intervalo normalmente enquanto a confusão continua.”

Pietro faz silêncio, desvia o olhar da câmera e após alguns segundos me diz:

— Acho que a gente entra de novo na questão dos estereótipos, que o homem tem que ser firme. E não é porque ele é homem que ele tem que fazer isso, não é porque ele é



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

homem que é natural. E assim, se fossem duas meninas ali, qualquer professor iria intervir. Não tem problematização, porque [situação dos meninos] é vista como natural.

Pietro me diz que qualquer problematização ou ausência dela onde o argumento é o gênero não é válida para ele, pois não vê sentido. Então eu o questiono:

— Então não é essa ação que você tomaria enquanto professor?

— Sim.

Pietro me responde de maneira firme e clara. Então concordo com o balançar da cabeça e seguimos para situação 6: Um professor de matemática recolhe o caderno da classe para verificar o registro. Após avaliar, chama uma aluna até sua mesa e diz:

— Esse registro não é de uma mocinha, está tudo desorganizado e sem capricho, falta seu toque feminino.

A aluna refaz o registro.”

— Assim, eu acho que eu nunca falaria uma coisa dessa pra ninguém. O que um caderno caprichado diz respeito a ser mulher?

Pietro coloca um sorriso de canto que parece me demonstrar ironia e continua:

— Onde foi que teve uma regra e a escala que se você faz isso tem um ponto a mais, se faz aquilo é uma coisa. O quão arbitrário é isso? Você tá atribuindo uma ação o que é uma composição, é você tornar o micro como macro, é o ínfimo.

Aproveitei o momento para descontrair :

— Que matemático.

Fiz essa afirmação com um sorriso no rosto e ele prontamente deu risada de forma espontânea, me pareceu que Pietro não estava esperando essa minha ação. Então sorrindo, eu falei:

— É aquela questão da masculinidade estereotipada, só que ao contrário, é a feminilidade estereotipada. Então pra ser homem não pode chorar e pra ser mulher precisa ter um bom registro.

Pietro rindo com ironia, continua:

— É isso ou você perdeu tantos pontinhos na sua escala de feminilidade, só que isso é arbitrário e não funciona assim. A gente não consegue quantificar todas as coisas e ainda bem que não, porque se não tudo seria ou não seria e existem coisas que estão além do dualismo, existe um espectro entre o sim e o não.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

Não consegui conter meu riso e minha vontade de falar que estava fazendo minha garganta borbulhar:

— Isso faz com que a gente construa o gênero do outro, claro que isso não é só sobre gênero, mas quando a gente diz o que o outro pode fazer ou não e critica as coisas nesse lugar, utilizando esse tom, a gente tá dizendo o que essa pessoa pode ser ou não, principalmente em um espaço formativo. E o que você falou da faixa etária né?! Onde absolutamente tudo nesse espaço formativo é parte do currículo dessa criança ou adolescente.

Pietro me abriu um sorriso leve e balançou a cabeça por alguns instantes, senti que de alguma forma minha fala coincidiu com o que pensara, então abri um sorriso maior ainda e falei que partiríamos para o que chamei de "episódio real". Neste momento de empolgação acabei empurrando o vaso da minha planta que estava próximo, Pietro percebeu e riu da situação, e que bom, pois foi um momento de descontração, em que se abriu espaço para um ambiente ainda mais confortável. Então li para ele o que chamei de "episódio real" que uma história verídica: Em 2014, na Inglaterra, Romeo, que na época tinha 6 anos, foi expulso da escola por ir vestido de princesa; "Eu estava tão atordoada quando me disseram que ele não podia usar vestidos que eu fiquei sem palavras. Tudo o que eu poderia perguntar era 'por quê?' Fiquei chocada e surpresa. A líder, que é realmente uma senhora encantadora, disse que não achava que era apropriado ele usar vestido. Ela disse que era perturbador e confundia as outras crianças. Ela levou-me para um canto, depois de tê-lo deixado, e disse que Romeo vai ser bem-vindo quando ele vestir roupas que combinem com o seu gênero [...] ", contou a mãe de Romeo, Georgina, de 36 anos.

Em seguida, eu disse ao Pietro que faria três perguntas a ele, mas que leria todas juntas, para que pudesse responder da forma como se sentisse mais confortável:

— Pergunta 1: O que você pensa sobre essa situação? Pergunta 2: Acredita que o vestido de Romeo influencia outras crianças de forma negativa? Pergunta 3: Podem acontecer "Romeos" nos níveis fundamental e médio? Acredita que nós professores estamos preparados para lidar com essa situação?

Então, Pietro levantou uma questão que eu não esperava:

— Tem uma coisa que acontece com muita frequência e acho que tem tudo a ver com essa situação: quantas vezes a gente se depara com alunos do Ensino Médio e Fundamental vestido de mulher em dias temáticos, de forma muito vulgar, sempre de forma



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

muito negativa e isso é tratado como ok, bom acho que é uma coisa que acontece com muita frequência, eu já me deparei com essa situação várias vezes e nada acontece.

Pietro me fez essa fala com um tom de indignação. Quando ele utilizou o termo “vulgar”, confesso que por alguns segundos me questionei com o que quisera dizer, mas o percebi empenhado em expressar a problemática, então não interrompi.

— Eu não concordo nenhum pouco com a fala de que influencia negativamente. Sabe, negativamente no que? O que vai mudar na vida do colega, na vida do professor que tá na sala? Não vai mudar nada. É uma roupa, aí a gente volta pra aquela questão de validação da masculinidade.

Então o questionei novamente:

— Você acha que existem “Romeos” no Ensino Fundamental e Médio?

— Existem e ainda vão existir Romeos que serão tratados como negativos, como influenciadores, como inconsequentes, como inapropriados pra tal lugar.

Pietro me disse com tanta firmeza que me veio de forma espontânea perguntar:

— Você já conheceu algum Romeu enquanto professor ou enquanto aluno?

— Sim.

— Foi no Fundamental ou no Ensino Médio? Eu sei que o Romeu sempre foi Romeu, mas quando você se deu conta que o Romeu era Romeu.

Estávamos usando esses termos para nos referirmos a uma pessoa trans. Mas em momento algum acordamos isso, mas de forma espontânea acabamos usando este código.

— Ensino Médio. Mas assim, foi um tempo convivendo, até entender que tá, mas qual é o problema? Porque não é um problema. Muitas vezes a gente precisa olhar pelo olhar do outro para entender.

Completei:

— Que é sobre o outro.

Pietro sorriu docemente balançando a cabeça que sim.

Então desviei das perguntas pré-elaboradas:

— Imagino que você se veja como futuro professor. Acha que nós professores de matemática estamos preparados para lidar com Romeos? Não somente no que diz respeito à repressão, mas no que diz respeito à existência desses Romeos também.

Eu mal terminei a pergunta e o Pietro me disse de forma incisiva:



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

— Não, nenhum pouco. Começa que o curso de licenciatura não forma nada, só dá título e habilitação, mas formar não forma. O meu curso de licenciatura, por exemplo, eu não consigo nem descrever, eu acho ele inadequado.

Então o interrompi para dizer que era justamente para esse caminho que nossa conversa iria: O último tópico de nossa conversa foi a formação dele dentro do curso de licenciatura em matemática.

— Vou te fazer todas as perguntas e você responde como quiser: Você realizou discussões sobre as questões de gênero em alguma disciplina que cursou ou cursa na licenciatura em matemática? Se sim, como? Você realizou essas discussões em algum outro momento de sua formação inicial dentro da universidade? Em sua opinião essas discussões devem aparecer na formação inicial do professor de matemática? Por que? Pode responder como achar melhor

— Tem uma disciplina que cursei, na verdade estou cursando ainda, que é anual, e ao longo do ano tiveram vinte encontros e sei lá três deles foram... tem um projeto que lida com essas questões. E a gente teve situações traziam essa discussão, então um encontro foi falando das questões de gênero e a matemática e o outro uma introdução mesmo, explicando a diferença de gênero e sexualidade e também teve um sobre relatos que a gente teve que recolher.

— Qual o nome dessa disciplina?

— Projetos de estágio.

— Professor ou professora?

— Professora!

— E como surgiu esse tema? A professora elencou para ser tema de alguns encontros?

— Assim, ela participa desse projeto, ela é uma das coordenadoras ou alguma coisa assim.

Então o questioneei sobre a temática específica do projeto.

— Eu não sei se é exatamente focado para a escola, mas ele traz também o tema de gênero no cenário universitário. Mas assim como é uma matéria de estágio ela traz situações assim, que realmente vão acontecer em sala de aula.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

Neste momento respirei fundo como uma espécie de alívio, pois ouvir que situações como essas “vão aparecer em sala de aula” me revela a possibilidade de que existe um espaço na educação matemática para fazermos esse tipo de discussão. Também percebi neste momento o quão relevante foi promover esse diálogo com o Pietro, pois em meu contato inicial com a grade e ementa do curso havia me feito acreditar que nas disciplinas de estágio não existiam tais discussões ou até mesmo espaço para as mesmas.

Pietro seguiu:

— Agora eu não sei se isso está na ementa da disciplina ou se foi algo que minha professora trouxe. Mas como ela faz parte desse grupo, sempre que possível traz eles para debaterem com a gente. Só que esse foi o único momento que tive isso em uma matéria.

Me movimentei com a intencionalidade de fazer uma pergunta, mas imediatamente Pietro me disse que não participara de nenhuma atividade da faculdade que não fossem as obrigatórias, tanto no presencial, quanto no online, e desta forma não realizou discussões sobre gênero em outro momento que não na disciplina de estágio.

Então com fisionomia reflexiva, continuou:

— E eu acho que sim, que deveria estar dentro da faculdade, é que assim, a gente tem muita coisa pra falar dentro de uma licenciatura, iria dar muito mais que quatro anos de curso... Porque em quatro anos não dá pra ter uma base sólida matemática, não dá para tratar dessas questões.

Pietro me reforçou:

— A faculdade não vai formar um professor, vai habilitar, professor se forma na prática externa, no estudo que ele vai desprender do tempo dele. Acho que o professor se forma no diálogo entre o professor e a pessoa que ocupa o espaço desse professor. De qualquer forma, eu acho que é necessária essa pauta.

Pietro colocou sua voz como tom de despedida, mas nesse momento fiquei pensando nas vivências que ele tivera na faculdade para tirar tais conclusões. A todo momento em que me falava sobre seu curso de licenciatura em matemática, me repetia que a faculdade não forma professor, levantei a hipótese de que talvez sua vivência de estágio na educação básica tenha revelado as lacunas do curso, digo isso pois quando estive na mesma situação que ele, vivenciei diariamente surpresas através da experiência em sala de aula. De qualquer forma, minha trajetória fez com que eu fosse capaz de acolher a fala de Pietro sem o caracterizar



SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO

21 - 23 | Setembro | 2022

como um aluno bom ou ruim, de um grande curso ou mediano, apenas encarei que as experiências dele o fizeram pensar assim.

Quando Pietro soltou suas últimas palavras sobre o tema, não consegui segurar o riso e brinquei:

— A notícia boa é que já acabamos.

Ele tranquilo inclinou a cabeça para trás e sorriu. Eu me senti satisfeita por ter tido aquele diálogo e não somente pela escrita do meu trabalho, mas principalmente por colocar em pauta com um futuro professor uma temática que permeia todas as minhas manhãs enquanto professora.

— Vou interromper a gravação. Gratidão, Pietro, pelo seu tempo e atenção. Desculpa se em algum momento fui inconveniente.

Pietro ainda sorrindo forte:

— Magina, que isso.

Chamada encerrada.

Considerações finais

Como dito anteriormente, este artigo buscou evidenciar a leitura plausível feita de uma conversa com um aluno da licenciatura em matemática sobre questões de gênero. Entendemos que este olhar nos permite discutir o tema através da produção de significado deste aluno que foi evidenciado através da narrativa produzida a partir de uma conversa cujo os disparadores foram situações de ensino. Concordamos com Pietro que os cursos de licenciatura em matemática precisam discutir essas questões, uma vez que o gênero e toda a problemática envolva está presente na escola e portanto está presente também dentro da sala de aula de matemática.

REREFÊNCIAS

LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: Bicudo, M. A. V. (Org.). **Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, p.75-94.

PAULO, J. P. A. **Contando uma história**: ficcionando uma dissertação sobre a relação entre professor e aluno. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, 2016.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

SOUZA, M.C.R.F., FONSECA, M.C.F.R. Conceito de gênero e educação matemática. *Bolema-Boletim de Educação Matemática*. 2009, v. 22, no. 32, p. 29-45.

